



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)



Educação: Políticas, Estruturas e Organização 9

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

9

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 9 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 9)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-310-1

DOI 10.22533/at.ed.101190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 9” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NA CAMINHADA PARA EDUCAR JOVENS E ADULTOS PERPASSEI PELA ALFABETIZAÇÃO E PELO LETRAMENTO	
Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem	
DOI 10.22533/at.ed.1011903041	
CAPÍTULO 2	12
NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR: A LINHA TÊNUE ENTRE SEGREGAR E RESISTIR	
Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1011903042	
CAPÍTULO 3	20
NÃO TE ESCUTO: (SOBRE)VIVER NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
Leonardo Farias de Arruda Ricard José Bezerra da Silva Juliana Fonsêca de Almeida Gama	
DOI 10.22533/at.ed.1011903043	
CAPÍTULO 4	31
NIM: EFICIENTE RECURSO DIDÁTICO NA APRENDIZAGEM DA DIVISÃO	
Márcia Aparecida de Macêdo Silva Josélia Paes Ribeiro de Souza Fernanda Viana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.1011903044	
CAPÍTULO 5	47
NOTÍCIAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DO PASSADO ÀS INOVAÇÕES EDUCACIONAIS DOS SÉCULOS XX E XXI, EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	
Solange de Carvalho Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.1011903045	
CAPÍTULO 6	60
O BIOMA CERRADO: PLANTANDO NO PRESENTE OS DESEJOS PARA O FUTURO	
Marcelo Duarte Porto Everson Inácio de Melo Sheyla de Oliveira Martins Thiago Gonçalves dos Santos Stefania Amaral Ricardo Ferreira Letícia Sousa Silva Ronivaldo Silva Leal dos Santos Vanusa Rodrigues Caixeta	
DOI 10.22533/at.ed.1011903046	

CAPÍTULO 7	66
O CONTO DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM ALUNOS DO ENSINO ESPECIAL	
Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem Marta Brügger	
DOI 10.22533/at.ed.1011903047	
CAPÍTULO 8	76
O CORTIÇO: LEITURAS POSSÍVEIS ATRAVÉS DAS CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E DO MÉTODO RECEPCIONAL NOS CONTEXTOS DE SALA DE AULA DA EJA	
Ferdirammar Farias Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.1011903048	
CAPÍTULO 9	84
O CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL	
Maria Luiza de Santana Gomes Haniel Regina Dias de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1011903049	
CAPÍTULO 10	94
O ENSINO DA ARTE E A SUSTENTABILIDADE: UM DESPERTAR DO SENSO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
João Victor Batista da Conceição Leidiane dos Santos Lima Romildo de Araújo Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.10119030410	
CAPÍTULO 11	103
O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VIA DE INSERÇÃO SOCIAL PARA OS IMIGRANTES HISPANO HABLANTE EM RORAIMA	
Maria Betânia Gomes Grisi Cila Vergínia da Silva Borges Hilton de Sá Rodrigues Maria de Fátima Freire de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.10119030411	
CAPÍTULO 12	115
O ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL: DA BNCC A ARGUMENTAÇÃO EM PAUTA	
Joyce Almeida Ataíde Alves Maria José Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.10119030412	
CAPÍTULO 13	125
O ENSINO TÉCNICO À LUZ DA DIMENSÃO ÉTICA DISCENTE	
Geise Franciele Ferreira Neves Luciana Maria Caetano Betânia Alves Veiga Dell'Agli	
DOI 10.22533/at.ed.10119030413	

CAPÍTULO 14 142

O ESPAÇO DA COORDENAÇÃO COLETIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: PERCEPÇÕES E DESAFIOS NO CONTEXTO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

Loryne Viana de Oliveira
Suzana Medeiros de Souza Aguiar
Mônica Angélica Barbosa de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.10119030414

CAPÍTULO 15 152

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Cristh Júnior Pereira Carvalho
Janeisi de Lima Meira
Maurício Castro Gonçalves de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.10119030415

CAPÍTULO 16 161

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA COM ÊNFASE NA PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEG - CAMPUS FORMOSA

Karina dos Reis Bittar
Marilda de Paula Mamedio
Sônia Bessa

DOI 10.22533/at.ed.10119030416

CAPÍTULO 17 173

O ESTÍMULO DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA COM SÍNDROME DE DOWN

Xênia da Mota Araújo Lima
Ingrid da Mota Araújo Lima;

DOI 10.22533/at.ed.10119030417

CAPÍTULO 18 184

O INTÉRPRETE NA FIGURAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES E PRÁTICAS A PARTIR DE NORBERT ELIAS

Euluze Rodrigues da Costa Junior
Reginaldo Célio Sobrinho
Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

DOI 10.22533/at.ed.10119030418

CAPÍTULO 19 195

O JOGO “CARTADA ORGÂNICA” COMO ESTRATÉGIA DE METODOLOGIA NO ENSINO EM QUÍMICA

Cynthia Pereira dos Santos
Gilson Silva Filho
Otoniel de Aquino Azevedo
Bruna D´nadai do Nascimento
Eliana da Silva Santos
Cíntia Cristina Lima Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.10119030419

CAPÍTULO 20	203
O JOGO DO SOBE E DESCE COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS AULAS DE MATEMÁTICA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Amanda Juvino Soares Mônica Augusta dos Santos Neto Claudiene dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.10119030420	
CAPÍTULO 21	214
O JOGO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INSTRUMENTO DE CRIAÇÃO A PARTIR DA LINGUAGEM TEATRAL	
Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias. Clarice da Silva Costa.	
DOI 10.22533/at.ed.10119030421	
CAPÍTULO 22	231
O MOVIMENTO E A INTERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA POR MEIO DE BRINCADEIRAS	
Luzia Xavier de Oliveira Andressa Nayara Barros Correa Freitas Sidney Benedito da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.10119030422	
CAPÍTULO 23	245
O MUNDO DO TRABALHO PARA ANALFABETOS E PARA ALUNOS DO 1º SEMESTRE DO PRIMEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Arthur Ferreira da Costa Lins Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem	
DOI 10.22533/at.ed.10119030423	
CAPÍTULO 24	256
O PACTO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (ANA): BREVE RELATO	
Edson Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.10119030424	
CAPÍTULO 25	263
O PAPEL DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NO PROCESSO DE RESISTÊNCIA AO NEOCOLONIALISMO	
Anna Marina Paes Montysuma Hildo Cezar Freire Montysuma	
DOI 10.22533/at.ed.10119030425	
CAPÍTULO 26	275
O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE JOGOS COGNITIVOS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES À APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR	
Daniela Karine Ramos Bruna Santana Anastácio	
DOI 10.22533/at.ed.10119030426	

CAPÍTULO 27 288

O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (PBF) E O PROCESSO DE REPRODUÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA À LUZ DOS/AS PROFISSIONAIS E GESTORES DA ESCOLA NAZINHA BARBOSA DA FRANCA

Celyane Souza dos Santos
Maria Nazaré dos Santos Galdino
Eryenne Lorryne Sayanne Silva do Nascimento
Amanda Raquel Medeiros Domingos
Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.10119030427

CAPÍTULO 28 298

O PROJETO ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL (PROETI) COMO POLÍTICA PÚBLICA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA EM DIAMANTINA-MG: MAIS TEMPO DE UMA OUTRA EDUCAÇÃO?

Wanderléia Lopes Libório Figueiredo
Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa

DOI 10.22533/at.ed.10119030428

CAPÍTULO 29 310

O PROTAGONISMO NARRATIVO DO JOVEM: UMA (NOVA) CONSTITUIÇÃO DO SABER

Isadora Ortácio Schmidt Buske
Cilene de Lurdes Silva

DOI 10.22533/at.ed.10119030429

CAPÍTULO 30 320

“O SONHO DE MARIA” UMA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARAJI/PE

Aparecida do Carmo Fernandes Cheroti

DOI 10.22533/at.ed.10119030430

CAPÍTULO 31 326

O TEATRO COMO METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elvira Santana Amorim da Silva
Maria Magaly Vidal Maia
Andreyne Javorski Rodrigues
Juliana Lemos Zaidan
Priscyla Dayane das Chagas Lira

DOI 10.22533/at.ed.10119030431

CAPÍTULO 32 331

O TEATRO NA CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA- RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID – LETRAS PORTUGUÊS

Luana Ewald
Andressa Regiane Gesser
Larissa Patricia Theiss
Suelen Ramos
Henrique Mengisztki

Silvane Terezinha de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.10119030432

CAPÍTULO 33 346

O TRABALHO DO PROFESSOR MT NAS ESCOLAS DE CABO FRIO

Helaine Soares

DOI 10.22533/at.ed.10119030433

SOBRE A ORGANIZADORA..... 358

O ESTÍMULO DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA COM SÍNDROME DE DOWN

Xênia da Mota Araújo Lima

Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)

Belo Jardim

Pernambuco

Ingrid da Mota Araújo Lima;

Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)

Belo Jardim

Pernambuco

RESUMO: Aspectos psicoafetivos são de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem e através do estímulo adequado, respeitando as limitações e tempo de aprendizagem, pode-se obter resultados positivos no processo de aprendizagem de qualquer educando, independente de suas dificuldades. Neste sentido a pesquisa foi instigada a partir da problemática: quais são os métodos aplicados pelos pais de uma aluna com Síndrome de Down para desenvolver sua aprendizagem? Na busca por conhecer essas metodologias e como ocorre o processo de aprendizagem dessa educanda, objetivou-se descrever como a família pode atuar para facilitar o processo de aprendizagem da pessoa com síndrome de Down e para isso foi necessário descrever as metodologias empregadas pela família e como à pessoa com Down pode

ser estimulada a aprender os conteúdos curriculares. Trata-se de um estudo de caso focado em uma educanda com Síndrome de Down. Para conhecer a realidade, o cotidiano, quais são os estímulos oferecidos e como ocorre o processo de aprendizagem dessa educanda, os seus pais foram entrevistados e os relatos são abordados de forma qualitativa. Verificou-se que dentre as metodologias adotadas, os pais relataram que sempre estimulavam a educanda a responder vários exercícios de matemática, faziam dramatizações com contextos históricos e sempre que tinham a oportunidade discutiam assuntos acadêmicos trazendo para a prática do dia-a-dia. Isso denota que os pais sempre acreditaram na potencialidade de sua filha com Down e por isso a estimularam através de diversas metodologias a desenvolver suas habilidades, superar suas limitações e obter autonomia e uma aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias de ensino, Potencialidades, Superação.

1 | INTRODUÇÃO

Quando analisamos o contexto educacional do cotidiano brasileiro, podemos observar algumas mudanças significativas se fizermos uma comparação de vinte anos atrás para o agora. Entretanto, ainda temos um

abismo enorme e uma realidade alarmante se compararmos a realidade educacional com o que preconiza as leis que regem a educação nacional, como a LDB (BRASIL, 1996).

A educação inclusiva deve ser vista como uma forma pedagógica de trabalhar a diversidade, o respeito pela diferença e pelas necessidades individuais. No processo inclusivo, deve-se estimular a valorização de cada um e que as práticas pedagógicas possam favorecer a aprendizagem e desenvolvimento das habilidades considerando que somos todos iguais nas diferenças. Sobre a inclusão no ato de educar Mitler (2003, p.20) afirma que:

A inclusão depende do trabalho cotidiano dos professores na sala de aula e do seu sucesso em garantir que todas as crianças possam participar de cada aula e da vida da escola como um todo. Os professores, por sua vez, necessitam trabalhar em escolas que sejam planejadas e administradas de acordo com linhas inclusivas e que sejam apoiadas pelos governantes, pela comunidade local, pelas autoridades educacionais locais e acima de tudo pelos pais.

Concordando com o autor, afirmamos que incluir não se restringe apenas a sala de aula, mas é algo que *a priori* deveria vir de casa, o aluno tem que ser aceito primeiramente em sua casa, onde essa pessoa deve ter o apoio e o respeito de suas particularidades, para então a escola o acolher e fazer daquele ambiente algo atrativo e que não gere discriminações e preconceito.

Está descrito no Estatuto da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015) que a pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que podem obstruir a sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. O Estatuto amplia direitos para mais de 45 milhões de brasileiros nas mais diversas áreas e inclui as pessoas com Síndrome de Down.

A Síndrome de Down foi descrita clinicamente pela primeira vez pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866 e, desde então, é estudada por diversos pesquisadores. (MENEGUETTI 2009). Essa síndrome é causada por alterações cromossômicas envolvendo o par do cromossomo 21, que se apresenta em trissomia, levando a alterações físicas e mentais, resultando em hipotonia muscular, frouxidão ligamentar, hiper mobilidade articular, obesidade e problemas sensoriais. (PEREIRA e TUDELLA, 2009).

Apesar do avanço da ciência no sentido de compreender os mistérios que permeiam a Síndrome de Down ainda existem muitos entraves e questões que devem ser discutidas a respeito das pessoas com essa síndrome. O que nos mobiliza a pesquisar sobre essa temática é a descoberta de novas abordagens educacionais para pessoas com Síndrome de Down e partiu-se da problemática: Como a família em parceria com a escola poderá promover da aprendizagem de uma educanda com síndrome de down?

Neste contexto as hipóteses formuladas são: A família pode contribuir com o desenvolvimento de uma pessoa com síndrome de down aplicando atividades lúdicas que transformem os conceitos/conteúdos em algo que a pessoa com down possa compreender e aprender. Com bases nessas afirmações esta pesquisa se justifica pelo fato de apontar como a contribuição da família e da escola poderá promover o desenvolvimento de uma pessoa com Síndrome de Down. Com o referido trabalho objetivou-se descrever como a família pode atuar para facilitar o processo de aprendizagem da pessoa com síndrome de Down e para isso foi necessário conhecer as metodologias empregadas pela família e como à pessoa com Down pode ser estimulada a aprender os conteúdos curriculares. E neste contexto, ao longo do trabalho será apresentado aspectos relevantes do cotidiano da educanda que estão diretamente relacionados as metodologias de ensino direcionados a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades de uma aluna com síndromes de Down.

2 | METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa – Trata-se de uma pesquisa básica de caráter descritivo e abordagem qualitativa, visto que analisa o relato da contribuição da família e da escola para o desenvolvimento da pessoa com Síndrome de Down. A pesquisa qualitativa estimula a imersão do pesquisador nas particularidades e no contexto da pesquisa e faz vir à tona aspectos individuais, como o pensamento, atitudes, sentidos, emoções e motivações dos sujeitos da pesquisa.

2.2 Instrumento da pesquisa – Optou-se pelo questionário para coletar os dados referentes ao apoio da família no processo de contribuição do desenvolvimento da pessoa com Down. O questionário foi aplicado aos pais (pai e mãe) da educanda e formulado com 13 questões subjetivas. Esses tipos de perguntas são abertas, pois permitem respostas distintas dos pesquisados, ou seja, cada pesquisado pode responder espontaneamente a essas averiguações. Esse recurso normalmente é utilizado para obter opiniões, sentimentos, crenças e atitudes por parte do pesquisado, ele pode responder livremente, usando linguagem própria.

2.3 Caracterização do estudo de caso – Por ser um estudo de caso, o foco foi uma educanda, adolescente de 18 anos com síndrome de down. O propósito de um estudo de caso é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um fenômeno (PATTON, 2002). É um procedimento metodológico que enfatiza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade (LLEWELLYN; NORTHCOTT, 2007), centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real (EISENHARDT, 1989) e envolvendo-se num estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de

maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (Gil, 2007).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir desta seção abordamos o ponto de vista dos pais da educanda com down sobre o processo de inclusão, as expectativas com relação ao ensino e aprendizagem da pessoa, dificuldades para matricular a educanda em escolas regulares (Quadro 1).

Para você o que é inclusão?	A escola atende suas expectativas quanto a eficiência na inclusão de sua filha?
<i>Pai: o conceito de inclusão vai além do simples fato de incluir, para estar incluso a criança tem que se sentir aceita, receber tratamento igual a todos, sendo respeitada nas suas limitações.</i>	<i>Pai: Tivemos sorte em encontrar uma escola que abraçou nossa causa,... Sempre nos possibilitando um espaço para o diálogo, para a colaboração, para as sugestões...</i>
<i>Mãe: Incluir é tratar o ser humano com igualdade de direitos, dando-lhe deveres que estejam dentro das suas condições físicas e mentais. Tratando-o com respeito, sem distinção, sem separá-lo ou tratá-lo como “coitadinho” por apresentar alguma diferença ou necessidade.</i>	<i>Mãe: As expectativas com relação a nossa filha sempre existiram principalmente com relação ao seu desenvolvimento, para colaborar com a sua aprendizagem não esperamos só pela instituição escolar, ela sempre teve apoio de terapia ocupacional, psicopedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e aulas particulares em casa.</i>
Alguma vez, os pais sentiram dificuldades para matricular/incluir sua filha na escola regular? Justifique.	Como pais vocês sempre tiveram acesso à escola para interagir, incentivar e ajudar no processo ensino aprendizagem? Como acontecia essa interação?
<i>Pai: A dificuldade foi encontrar uma escola que atendesse as necessidades dela, que a aceitasse sem fazer distinção sem preconceito, que se preocupasse com a qualidade da aprendizagem e não com a quantidade de alunos, e que empregasse uma metodologia didático-pedagógica que facilitasse a compreensão dos conteúdos. Então optamos por uma escola da rede privada de ensino.</i>	<i>Pai: Sim, sempre pesquisamos muito sobre a síndrome. A gestão escolar e a coordenação pedagógica sempre foi receptiva nas informações e sempre buscava ajudar e auxiliar. Mantínhamos uma relação de amizade com os professores e sempre dávamos aulas em casa para reforçar a aprendizagem.</i>
<i>Mãe: Quando nossa filha estava em idade escolar, fizemos uma peregrinação pelas escolas, onde encontramos alguma resistência ou alguma dificuldade na aceitação da criança com Síndrome de Down, vimos que essas instituições não estavam prontas para incluir e ajudar nossa filha a se desenvolver, até acharmos a escola onde ela estudou desde a educação infantil até finalizar o ensino médio. A instituição é da rede privada.</i>	<i>Mãe: Sempre interagimos com os professores, coordenadores pedagógicos e a gestão escolar. Principalmente com o intuito de ajudar, de levar ideias novas e de auxiliá-los. Ela sempre fez acompanhamento com fonoaudiólogo para auxiliar na fala, fisioterapeuta e psicopedagogo para ajudá-la quanto a aprendizagem.</i>

Quadro 1 - Declaração dos pais da educanda a respeito do processo de inclusão e dificuldades para matricular essa aluna em escolas regulares. Belo Jardim-PE, 2018.

Fonte: Dados da pesquisa

A atitude de um sujeito com síndrome de Down pode variar de acordo com o seu potencial genético e as características culturais do meio em que convive, por isso acreditamos que quando a família participa ativamente da educação dessas crianças elas acabam se desenvolvendo mais e melhor. Com base em Werneck (1995), as pessoas com Síndrome de Down costumam ter acentuada inteligência emocional, por isso muitas das vezes se mostram amáveis e carinhosos. Educar não se restringe em transferir informações ou apontar apenas um caminho, mas ajudar a criança/adolescente a superar suas dificuldades.

Podemos observar na fala do pai e da mãe da adolescente com Down que a inclusão é muito mais do que ser aceito num ambiente, incluir é ser respeitado nas suas limitações, ser tratado sem distinção, sem separação, ser tratado como igual, como um ser humano que tem apenas algumas limitações, mas também têm direitos e deveres.

Tanto o pai quanto a mãe relatam que algumas instituições não estavam prontas nem dispostas a receber uma criança com Síndrome de Down, e complementam que encontraram uma escola privada que acolheu a filha deles, e esta escola dava oportunidade dos pais falarem, exporem suas angústias, inquietações e sugestões.

Notamos na fala do pai e da mãe que sempre buscaram uma instituição privada de ensino, e apesar das instituições particulares estarem melhor aparelhadas e com uma estrutura física mais adequadas a inclusão, ainda encontraram resistência por parte de algumas instituições, optando por uma escola onde a equipe gestora abraçou a causa da inclusão com um olhar mais humano, sem fazer distinção as limitações que a pessoa com deficiência possui.

A inclusão das pessoas com deficiência prossegue como luta para a educação brasileira mesmo após a criação da política de educação especial e da evolução da legislação no que cita à inclusão de pessoas com deficiência. Mattos reflete que:

Novos paradigmas surgem, tendo em vista a inclusão escolar. Assim, escola necessita trabalhar as diferenças, para que enriqueçam o aprendizado de todos, deficientes ou não. A diferença é normal, é identidade de cada ser humano. A diferença é produzida diariamente. A diferença é o estereótipo, o arquétipo atual (MATTOS, 2008, p. 51)

Percebemos no relato dos pais da jovem que a mesma sempre contou com o apoio da família e de profissionais capacitados, eles não esperavam apenas pela instituição escolar e a instituição escolar não esperava só pela família, cada qual fazia sua parte, dessa forma sempre existiu a parceria e o respeito às particularidades da educanda no processo de ensino aprendizagem.

Quanto à efetividade da aprendizagem da pessoa com Down, os estímulos fornecidos, o tempo médio para estimular e a rotina de estudos da educanda no seu cotidiano, os pais apresentaram e explanaram com detalhes os quais são apresentados no Quadro 2.

Como você avaliava a efetividade do aprendizado) de sua filha quanto as atividades escolares?	Quanto tempo em média você(s) dedicam para estimular o desenvolvimento de sua filha?
<p><i>Pai: Conforme as situações vividas no ambiente escolar íamos reforçando a aprendizagem em casa, para que efetivamente ela se desenvolvesse e aprendesse. As experiências concretas no ambiente escolar, no lar e na sociedade proporcionam avanços significativos, mas tudo com muita paciência e respeitando o tempo de aprendizagem dela...</i></p>	<p><i>Pai: Quando eu percebi que ela precisava de maiores estímulos, eu reformei a dispensa da casa e criei "A escolinha do papai". Coloquei tudo o que uma sala de aula tem: Quadro, carteira e o birô, a noite quando eu chegava do trabalho, comecei dando aulas a ela, iniciamos com meia hora, depois mais uma hora, passamos para duas horas e acredito que teve dias que excedeu as duas horas.</i></p>
<p><i>Mãe: Sempre respeitamos o tempo dela, cada criança é única cada qual aprende no seu tempo. A escola fazia a sua parte, nós fazíamos a nossa, e os profissionais especializados faziam a parte deles.</i></p>	<p><i>Mãe: Ela sempre foi muito estimulada, lembro que quando era bebê fazia cerca de 4 horas de fisioterapia, chegava a dormir e continuávamos com os estímulos exaustivos, fez também muitos exercícios com a fonoaudióloga, para conseguir controlar a língua, se alimentar melhor e posteriormente falar.</i></p>
<p>A partir de que idade a família começou a estimular o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Relate como ocorreu.</p>	<p>Muitas crianças com síndrome de Down se dão bem com rotina, estrutura e atividades focalizadas claramente. Sua filha sempre teve rotina? Descreva como é a rotina dela.</p>
<p><i>Pai: Fizemos muitas pesquisas em algumas delas descobrimos que o máximo de estímulos nos dois primeiros anos de vida são importantes para o desenvolvimento físico, mental e intelectual posteriormente.</i></p>	<p><i>Pai: Sim, sempre tivemos rotina, até porque ela é a segunda filha, com nosso filho nós já seguíamos um roteiro, quando ela chegou tivemos a rotina intensificada, porque além das obrigações que temos com qualquer bebê, ela teria o horário da fisioterapia, dos exercícios com a fonoaudióloga.</i></p>
<p><i>Mãe: O trabalho com o fonoaudiólogo começou desde o nascimento, uma vez que esse procedimento garantiu, a longo prazo, condições para que a criança se comunicasse com mais facilidade, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.</i></p>	<p><i>Mãe: Para nós foi um choque quando descobrimos que receberíamos uma criança com necessidades diferenciadas, entretanto procuramos manter a mesma rotina que mantínhamos com nosso filho que não tem necessidades especiais de aprendizagem.</i></p>

Quadro 2 – Resposta dos pais a respeito da efetividade do aprendizado da pessoa com Down, dos estímulos fornecidos, o tempo médio para estimular e a rotina de estudos da educanda com Down. Belo Jardim-PE, 2018.

Fonte: Dados da pesquisa

Podemos perceber os pais realmente fazem a sua parte ajudando no processo de ensino e aprendizagem e o pai deixa bem claro que as experiências concretas proporcionam avanços significativos, que é preciso ter muita paciência e valorizar cada avanço por menor que seja, para que aja a superação das suas limitações e dificuldades, nesta ótica, a mãe esclarece que é preciso respeitar o tempo de cada

um, e que a escola, a família e os profissionais especializados todos trabalhando em conjunto e focados conseguem alcançar o objetivo que é o pleno desenvolvimento da criança, respeitando suas limitações, vencendo as barreiras do preconceito e enaltecendo suas habilidades. Corroborando com essas ações, Mantoan apud Moreno e Fajardo (2013) “o mais importante para uma criança com deficiência não é aprender o mesmo conteúdo que as outras, mas ter a possibilidade de aprender a colaborar, ter autonomia, governar a si próprio, ter livre expressão de ideias e ver o esforço pelo que consegue criar, ser recompensado e reconhecido”.

A família tem um papel essencial no desenvolvimento do filho com a Síndrome de Down e a sua inclusão na sociedade, pois tem a possibilidade de oferecer a essa criança atividades estimuladoras junto com a afetividade que resultará em resultados consideráveis.

Conalgo, (2000) afirma que as primeiras situações de aprendizagem e introjeção de padrões, normas e valores, são obtidos no seio familiar e se a família não estiver funcionando adequadamente, as interações serão prejudicadas. A pessoa com síndrome de Down é capaz de ter um desenvolvimento satisfatório e superar muitas limitações através de estímulos. Muitas são as pessoas com Down que tem autonomia para tomar atividades corriqueiras, tomam iniciativas, não precisando que os pais digam a todo o momento o que eles devem fazer ou não, isso demonstra a necessidade/ possibilidade desses indivíduos de participar e interferir com certa autonomia em um mundo onde exista outras pessoas que não possuem deficiências.

Com relação ao ponto de vista dos pais a respeito do preconceito no ambiente escolar, a família como facilitadora do processo de aprendizagem, as mudanças que almejam no ambiente escolar e quais as estratégias empregadas para facilitar e estimular a aprendizagem.

Sua filha sempre foi respeitada no ambiente escolar? Se já passou por alguma situação de preconceito, relate como e quando isso aconteceu ou acontece?

Pai: Quando ela era pequena sempre foi aceita pelos colegas da sala, quando tinha trabalho para ser feito em grupo, todos queriam que ela participasse, e como participávamos ajudando-a nas atividades escolares as crianças escolhiam fazer o trabalho na nossa casa.

Em sua concepção, como a família pode facilitar o processo de aprendizagem da pessoa com síndrome de Down?

Pai: A família melhor do que ninguém conhece seu filho na intimidade, nossa filha aprende muito quando algo lhe chama a atenção, ensinávamos os conteúdos de história por meio de dramatizações.

<p><i>Mãe: Sempre foi aceita por todos na escola, fazíamos uma verdadeira festa nos momentos que os coleguinhas de sala iam fazer atividades escolares na nossa casa, eu fazia bolo de chocolate com cobertura, cachorro quente, pipoca, a atividade escolar era um momento de lazer e de confraternização, ela era disputada pelos coleguinhas. Como a adolescência é uma fase de transição, alguns coleguinhas passaram a excluí-la.</i></p>	<p><i>Mãe: Toda família deve observar detalhadamente seu filho, independentemente de ser especial (com alguma deficiência ou limitação), cada filho é especial no seu jeito de ser, deve-se criar uma rotina, um cronograma com atividades que eles devem seguir, limitar o tempo para todas as atividades, sejam elas de lazer ou estudo. Iniciar precocemente os estímulos, pedir ajuda aos profissionais capacitados.</i></p>
<p>Como pais, que mudanças vocês almejam no campo educacional (escolas e instituições de ensino) e social para que a equidade realmente prevaleça?</p> <p><i>Pai: Que as instituições escolares possuam profissionais capacitados e dispostos a lidar com as diferenças, sejam elas físicas, mentais, cognitivas...Que os nossos governantes invistam mais na educação, porque ela é a chave para mudanças.</i></p>	<p>Descreva as estratégias que vocês já utilizaram para estimular a aprendizagem de sua filha e qual estratégia tem maior eficácia na aprendizagem dela?</p> <p><i>Pai: Em matemática para resolução de problemas matemáticos e operações usamos sempre exercícios repetitivos, como os que são utilizados na metodologia do KUMON, e usando sempre material concreto, para facilitar operações de adição, subtração, multiplicação e divisão.</i></p>
<p><i>Mãe: Almejamos uma educação de qualidade para crianças com deficiência, esse é um mecanismo para garantir sua liberdade de viver uma vida autônoma, para ser visto por outras pessoas como iguais e para verem a eles próprios como cidadãos e indivíduos totalmente capazes.</i></p>	<p><i>Mãe: para a disciplina de português sempre tivemos a ajuda da fonoaudióloga, em geografia para trabalhar conteúdos como relevo, vegetação, sempre usamos imagens, vídeos, em conteúdo de história fazíamos dramatizações.</i></p>

Quadro 3 - Pontos de vista dos pais a respeito do preconceito no ambiente escolar, a família como facilitadora do processo de aprendizagem, quais mudanças eles almejam no ambiente escolar e quais as estratégias empregadas para facilitar e estimular a aprendizagem. Belo Jardim-PE, 2018.

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de a inclusão de crianças e jovens com algum tipo de deficiência nas escolas regulares ter aumentado significativamente nos últimos anos, são grandes os desafios de preparar os professores para mantê-las na sala de aula com os demais colegas, e de receber as crianças que ainda estão excluídas. Notamos na fala do pai e da mãe que quando criança, sua filha não sofria preconceito, mas quando foi ficando adolescente passou a sofrer mais.

O desenvolvimento, ampliação e especialização das possibilidades psicomotoras da criança Down faz com que o mesmo realize atividades didáticas de forma simples e assim se inicia o processo de aprendizagem, onde a criança não só está criando, formando conceitos e categorias conceituais para perceber a realidade e ordenar o mundo que a rodeia. O pai e a mãe sempre estimularam a filha, nas situações

mais comuns e corriqueiras do dia a dia eles estavam lá, incentivando, orientando, perguntando, inferindo, questionando, diante disso comprovamos que a adolescente consegue aprender sendo estimulada constantemente com afetividade, carinho, empenho, dedicação e principalmente o amor, pois esses fatores contribuíram para que essa adolescente se desenvolvesse bem.

Percebe-se que os pais buscaram alternativas para que sua filha se desenvolvesse, eles são muito atentos e informados, pesquisam, questionam e acima de tudo se dedicaram para ajudar a sua filha a desenvolver-se, a conseguir fixar os conteúdos e habilidades. Buscaram descobrir o que facilitava sua aprendizagem e assim colaboraram positivamente. A autonomia e a auto-estima da educanda também foram aspectos questionados aos pais e suas respectivas respostas são apresentadas no Gráfico 4.

Quanto a autoestima, superação e autonomia vocês estimulam esses aspectos em sua filha? Justifique

Pai: Ela sempre foi estimulada desde os primeiros dias de vida, sempre elogiamos suas conquistas por menores que fossem, ajudamos ela a superar suas dificuldades, sempre tratamos ela igual ao irmão, nunca a menosprezamos, nunca deixamos que ela se abatesse perante o preconceito alheio ou a falta de sensibilidade das outras pessoas.

Mãe: Sempre acreditamos no potencial dela, sempre estimulamos muito até chegar numa metodologia que ela aprendesse, sempre estimulando seus esforços e suas conquistas, sempre acreditamos que ela poderia vencer suas limitações. Hoje ela está na faculdade, conseguimos contribuir de forma efetiva para que ela chegasse até aqui.

Quadro 4 – Resposta dos pais a respeito da auto estima e autonomia da educanda. Belo Jardim-PE, 2018.

Fonte: Dados da pesquisa

Notamos que esse estudo de caso relata uma história de sucesso, essa jovem com Síndrome de Down conseguiu passar por todas as etapas até ingressar na vida acadêmica, seus pais foram os maiores colaboradores provando que quando a família se dedica, se empenha e ajuda a escola numa parceria para fixação da aprendizagem o êxito é garantido. Estimular a pessoa com Down para superar suas limitações, fortalecer sua autoestima, e proporcionar autonomia faz qualquer ser humano ser capaz de qualquer coisa, desde o nascimento estimular através de brincadeiras e atividades que permitam estímulos visuais, táteis e auditivos. Também deve ser regado de elogios mostrando sempre que ele é amado e capaz.

4 | CONCLUSÕES

A partir do relato dos pais da educanda com Síndrome de Down, pode-se inferir que a família tem um importante papel no desenvolvimento acadêmico de uma educanda,

pois se constatou que desde que a educanda era criança, seus pais procuravam a estimular. Estes estímulos eram de ordem física, motora e formação social.

O estímulo da família facilitou o processo de aprendizagem onde a educanda conseguiu superar suas limitações e aprender. Outro fator de relevância para o desenvolvimento da educanda foi o apoio dos profissionais especializados como: fonoaudiólogos, fisioterapeutas e psicopedagogos. A escola poderia adotar uma ciência que ensina os vários modelos de aprendizagem, pois sabe-se que o caminho da aprendizagem apresenta várias alternativas e neste sentido os pais da educanda sempre aplicaram diferentes métodos para que a educanda construísse os conhecimentos.

Dentre as metodologias adotadas, os pais relataram que estimulavam a educanda a responder vários exercícios de matemática, faziam dramatizações com contextos históricos e sempre que tinham a oportunidade discutiam assuntos acadêmicos trazendo para a prática do dia-a-dia.

Isso denota que os pais sempre acreditaram na potencialidade de sua filha com Down e por isso a estimularam através de diversas metodologias a desenvolver suas habilidades, superar suas limitações e obter uma aprendizagem significativa.

Técnicas conhecidas nas escolas como métodos que usam a ludopedagogia eram aplicadas no cotidiano familiar pelos pais para promover uma melhor aprendizagem sendo um processo que exige colaboração, porque é um recurso que sugere dúvidas, acertos, erros, avanços, descobertas. Quando o conhecimento aparece para o aluno com significação ele vai aprender efetivamente, seja no grupo da escola, da família ou individualmente.

Quando a educando esteve na escola pública, os professores duvidariam de sua capacidade e tão pouco permitiriam que seu desenvolvimento acontecesse da forma como aconteceu, graças a escola privada, onde eles sempre exigiram as melhores e mais eficazes práticas de ensino, enquanto criança e na fase da juventude.

Os pais jamais permitiram que a sua filha ficasse isolada num canto da sala de aula, fazendo exercícios “adaptados” como se não tivesse a capacidade de acompanhar os conteúdos curriculares. Através desse estudo de caso é possível concluir que a aprendizagem é imprevisível, e como tal não cabem rotulações e categorizações para distinguir um aluno do outro, os pais e a escola devem sempre travar um combate contra o preconceito.

É necessário enxergar a criança com síndrome de Down como um ser em constante mudança e que precisa de liberdade e estímulo para aprender e para produzir conhecimento, pois inteligência é um sistema aberto que não exige um único método para que o educando alcance o conhecimento ou crie e mude sua realidade. Certamente a parceria da família e com a escola assume um importante papel na promoção ao estímulo adequado para aprendizagem significativa do educando com síndrome de Down.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Brasília-DF, 2015, 104p.**
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25 Jul. 2018.
- CONOLGADO, B. **Nova Escola, Velhos Alunos**. Revista GVExecutivo, 8, 2000
- EISENHARDT, KATHLEEN. **Building theories from case study research**. Academy Management Review 1989, v, 14, n. 4
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LLEWELLYN, S.; NORTHCOTT, D. **The “singular view” in management case studies qualitative research in organizations and management**. An International Journal, v. 2, n. 3, 2007, p. 194-207
- MATTOS, P. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2008.
- MENEGHETTI, C. H. Z. et al. **Avaliação do equilíbrio estático de crianças e adolescentes com Síndrome de Down**. Revista Brasileira de Fisioterapia, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 230-235, maio./jun. 2009
- MITLER, P. **Educação Inclusiva – Contextos Sociais**. Porto Alegre, Artmed, 2003., V. **Globalização. O que é isso, afinal?** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- MORENO, C. A, FAJARDO, A. C. M. e V. **Inclusão de alunos com deficiência intelectual cresce e desafia escolas**. Disponível em: . Acesso em: Acesso em: Acesso em: 24 Jul. 2018.
- PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods**, 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.
- PEREIRA, K.; TUDELLA, E. **Fisioterapia: orientação para a estimulação sensório motora de crianças com Síndrome de Down**. In:
- WERNECK, C.. (1993) **Muito prazer, eu existo: um livro sobre as pessoas portadoras de Síndrome de Down**. 4ed. Rio de Janeiro: WVA.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-310-1



9 788572 473101